TL295-43

II Jornadas de Timor da Universidade do Porto

Tema Geral

II

Estrategia para conseguir a Paz

O objectivo determinante da estretegia é a manutenção da guerra até que caia o regima indonesio.

A guerra em Timor Leste não é uma mera reinvidicação de uma menor ou maior autonomia, no contexto da Nação Indonesia. A guerra em Timor Leste não é uma guerra civil, dentro do mesmo estado, em que se pretende impor, pela via armada, determinadas exigencias de um sector de população. Nós não temos nada, absolutamente nada, a ver com a natureza do governo na Indonesia nem com outros aspectos políticos, económicos, religiosos, culturais ou étnicos da grande Nação Indonesia. A guerra em Timor-Leste, é um conflito entre forças de agressão Indonesia e a resistência do Povo Maubere à sua contínua e bárbara ocupação.

No contexto do domínio Indonesio, dificilmente a guerrilha altera a sua estratégia de se manter nas montanhas e dificilmente o Maubere se conforma com a dominação Indonesia, pelo que a transferência da luta de guerrilha, nas montanhas, para a luta urbana, é um avanço muito significativo para a questão de Timor-Leste. Esta transferência da guerrilha, nas montanhas, para a luta urbana, é um aspecto de resistencia popular, exprime somente a posição de força de uma consciencia Nacional e Patriótica de todos os filhos de Timor Leste.

É necessário intensivar e fortalecer a actuação da guerrilha no meio urbano, urgente, criar condições favoráveis à actuação da guerrilha no meio urbano de maneira que o invasor se sinta destabilizado. A Unidade Nacional de todos os filhos e filhas de Timor Leste é um contributo indispensável para não prolongar o sofrimento do Povo Maubere.

Uma consulta organizada pelo Governo Indonesio, só benefeciará os seus próprios interesses. Aliás, o Povo Maubere jamais aceitaria qualquer consulta organizada pelo poder ocupante, nesse caso, que é a Indonesia, pois a triste história da Irian Jaya (Papua Asia Ocidental), hoje a 26ª província da Indonesia, serviu de lição para os timorenses, poderem afirmar e ao mesmo tempo repudiar qualquer consulta organizada pelo governo Indonesio, com vista, ao Povo Maubere se auto-determinar.

É necessário pois, que duranre o período de transição todos os "transmigrasi"-transmigrados, padres, e militares abandonem o território para que não haja pressões. Na fase da politização e mentalização, antes de exercer o seu direito de voto, a administração transitoria deve contar com a presença Portuguesa, sob os auspícios das Nações Unidas, e ela deve ser formada pelos Timorenses e Portugueses - Elementos da Convergência Nacionalista e outros Timorenses, mais idóneos, que sempre mostraram vontade para a autodeterminar.

Portugal, como potencia Administrante de Timor Leste, deve ter uma acção mais energica e mais coerente na defesa dos direitos do Povo Maubere. Não deve limitar a sua acção a discursos pontuais. É tempo, de Portugal, deixar de ser o marasmo europeu, no contexto dos Países pioneiros da civilização Ocidental. Portanto, Portugal deve deixar esta posição de inoperancia e passar a uma acção mais activa e dinâmica., isto é, deve motivar e instruir os embaixadores para serem sensíveis à questão de Timor Leste, apoiar a convergência Nacionalista, feita pela (UDT e Fretilin) e pôr em cumprimento a resolução 37/30 de 1982.

A igreja católica, como sempre,tem um papel essencial, quer na busca de uma solução para o conflito, como no momento de transição.

A tomada de posição do actual administrador Apostólico, D. Ximenus Belo, actual Bispo da diocese de Dili, vem demostrar a importância da igreja católica local. A falta de apoio e coerencia por parte da Igreja católica Indonesia não se deve ao facto de serem a minoria na Indonesia, mas, sim, deve-se, sobretudo, à sua situação comprometida com o regime Suharto que preveligia.

Quanto à Igreja Católica Portuguesa, deve-se desenvolver um trabalho de sensibilização junto das comunidades de base, dos vários grupos pastorais, de sacerdotes e religiosos, bispos, conferência episcopal. Não só enviar documentos, mas provocar encontros.

Em relação às igrejas cristãs (protestantes) deve-se sensibilizar os chefes máximos, os pastores, os membros mais influentes da comunidade, enviando documentos e provocando encontros.

O Vaticano, deve ter uma posição coerente e aberta, isto é, condenar os actos violentos e bárbaros, praticados pela Indonésia, em vez, de instruir o se Núncio em Jacarta, para aliciar os guerrelheiros a sua rendição.

Em suma, a guerra de resistência deve manter até que as forças de Jacarta se esgotem.

António Assunção Rosa